Seguro 2.0: apoio e proteção à vida

» BERNARDO CASTELLO
Diretor da Bradesco Vida e Previdência

Nos últimos anos, com a chegada da pandemia e o aumento das incertezas sobre a vida e o futuro, muito se falou sobre o seguro. Podemos dizer, inclusive, que a cultura do seguro — com forte presença em países como Estados Unidos, China, França e Reino Unido — tem avançado de maneira relevante no Brasil, embora ainda em ritmo inferior ao seu potencial. Mas, quando o assunto é plano voltado à vida, estamos muito defasados. Segundo dados da Federação Nacional de Previdência Privada e Vida (Fenaprevi), em 2021, somente cerca de 17% da população brasileira com mais de 18 anos tinha alguma cobertura de seguro de vida. Contudo, de acordo com a Superintendência de Seguros Privados (Susep), 57,7% desse total de pessoas possuem planos coletivos, ou seja, aqueles que as empresas oferecem aos seus colaboradores.

Mas o que falta, então, para o Brasil chegar aos índices de planejamento para a vida dos países de Primeiro Mundo? Acredito que entender os benefícios e modalidades que hoje são oferecidos ao consumidor. Ainda existe a crença de que esse tipo de serviço é usado apenas para casos de morte, e a ideia de planejar o fim da vida para trazer conforto e tranquilidade aos familiares ainda não é prioridade para muitas pessoas. Mas há tempos que o seguro de vida é muito mais do que isso, tão diferente do conceito original que não seria exagero falar em uma nova geração do produto: o Seguro 2.0, aquele que nos apoia em vida, quando surge uma dificuldade de trabalho, saúde, estudos e até quando precisamos de um cuidado extra para nossos pets.

Durante a pandemia, por exemplo, o seguro de vida de muitas famílias que não sofreram perdas de entes queridos também pôde ser acionado para ajudar aqueles que ficaram desempregados ou tiveram gastos imprevistos com despesas médicas. Por isso, esse serviço atende pessoas desde os 18 anos, porque sabemos que imprevistos podem ocorrer ao longo de toda a vida. E, nos últimos dois anos, vimos que os mais jovens foram "forçados" a lidar com essa realidade, como apontou a pesquisa do Conselho Nacional da Juventude, que apontou que 75% dos jovens brasileiros tinham medo de perder um familiar em 2020, e 48% temiam por perder sua saúde. Esse cenário fez com que o ano seguinte, 2021, alcançasse recorde de jovens com seguro de vida.

O setor segurador está constantemente se adaptando às novas necessidades do consumidor e personalizando seus serviços para oferecer produtos que atendam às necessidades individuais no planejamento e nas metas dos brasileiros. Exemplo disso é que há, atualmente, modalidades com amplas coberturas além de morte, como diagnóstico de doenças graves, diária de internação hospitalar, doenças congênitas de filhos, perda de renda por desemprego involuntário, além de grande variedade de assistências personalizadas, como funeral individual ou familiar, residencial, cesta básica, motorista amigo e até pets.

A pandemia, felizmente, está nos deixando, mas o setor evoluiu muito e mostrou aos brasileiros que a tranquilidade oferecida pelo seguro de vida diante das adversidades desses últimos anos pode e deve ser vitalícia. Continuamos atuando para disseminar a cultura do seguro e mostrar a toda a população adulta que é possível encontrar um modelo personalizado que atenda às necessidades por um custo acessível. Investir em um seguro de vida faz parte de um bom planejamento para o futuro. E dizer: Até aqui, tudo bem.



Um ano para a história

» DANIEL MEDEIROS
Doutor em educação histórica e professor de humanidades no Curso Positivo (@profdanielmedeiros)

Todo ano que termina nos faz respirar aliviados, principalmente por ainda estarmos respirando, apesar de tudo. E isso quer dizer que, até aqui vai tudo bem. Afinal, ainda estar por aqui implica a possibilidade de refazer os caminhos abandonados, reiniciar as promessas esquecidas, recuperar os prejuízos ocorridos, reformar as decisões mal pensadas, recalcular os rumos da jornada. Ou seja, continuar vivendo. O tempo passa e percebemos por que deixamos nossas marcas pelo caminho, como o náufrago na ilha deserta que vai riscando a pedra para evitar esquecer que foi esquecido pelo mundo.

Manter nossa fé no tempo e na ideia de que somos o que somos porque podemos mudar as coisas ao longo dele é a grande marca de distinção da nossa espécie. Imagino minha cachorrinha que, por mais que me ausente por 15 minutos, recebe-me como se eu estivesse voltando de uma peregrinação a Santiago de Compostela. O que é a vida para ela? Um eterno esperar e angustiar-se pela ausência de seus amados. Uma vida sem noção de que uma hora, um dia, uma semana, podem ser amortizados na medida em que depois podemos contar o tempo juntos em um mês, um ano, uma vida. Nossa recusa em sermos cães é que define nossa permanência no mundo, sonhando, planejando, construindo, plantando araucárias aos 50 anos de idade e olhar a pequena muda e pensar: ainda te verei alta e robusta.

Todo ano, por mais que tenha sido marcado por eventos ruins, eles acabam depositando-se na memória e, depois, no largo campo do esquecimento. Tudo graças ao nosso infinito apetite por ter boas sensações da vida. Isso é que permite que as dores, aos poucos, se dissipem e aquela ideia de que "jamais voltaremos a sorrir" acabe, ora veja, em um sorriso, meio envergonhado, mas um sorriso. Freud já lembrava, em seu livro *Luto e melancolia*, da importância de deixarmos o tempo atuar sobre nossas energias psíquicas até que elas resolvam aceitar a perda do objeto de desejo e voltarem-se para outro, pois sempre há um objeto de desejo largado por aí, neste mundão. A doença, lembrava o mestre vienense, é continuar a amar o objeto perdido e ignorar sua partida, seu desfazimento no Letes, o rio do esquecimento necessário.

Todo ano que finda, guarda, ironicamente, uma festa de nascimento e depois uma festa de despedida, no intervalo de uma semana. Os cristãos comemoram o nascimento de Jesus, o grande astro da esperança, e depois, despedem-se do ano à espera de Janus, o deus romano, bifronte, uma face para o futuro, uma face para o passado. Pois não é isso a esperança? O desejo de que o passado não se modifique de maneira tão abrupta e que o futuro se pareça com que há de melhor dele. Nos brindes da passagem, o desejo que começa sempre com a frase: "Neste ano, eu espero…".

Ainda há, nesta época do ano, a promessa. Outra palavra que faz muito sucesso, buscando corrigir o que um ano só (ou uma vida inteira, até aqui) não conseguiu. Esperamos e prometemos, tentando agarrar o tempo em nossas mãos, fazê-lo uma massa de modelar segundo nossos desejos. Ilusão, sabemos. Mas queremos participar desse mistério que é estarmos no mundo, em meio ao invisível do tempo, e logo depois, em um estalo, não estarmos mais. Quando prometemos, projetamo-nos para um futuro, próximo ou distante.

Tudo o que queremos é estar lá para cumprir a promessa. E de nosso sorrir — ou lamentar — mais um ano que passou. E dizer: Até aqui, tudo bem.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // *circecunha.df@dabr.com.br*

Formigas assanhadas

Um dos princípios da física estabelece que a análise de um objeto, sua trajetória, tamanho, propriedades e outros, só pode ter um sentido válido e compreensível se comparada com outros e tendo como referência diversos elementos externos ao objeto. O mesmo entendimento pode ser levado também para aferir o tamanho do cidadão em sua relação ao Estado e à toda a máquina pública. Em outras palavras, tem-se que quanto maior e mais poderoso o Estado, menor, em relação a ele, será o cidadão.

Um Estado gigante abriga à sua volta cidadãos que, na realidade, não passam de formigas atazanadas, com obrigações diárias que as forçam a trabalhar ininterruptamente para alimentar esse Leviatã. É como diziam os antigos: "Quanto maior a porta, menor serão aqueles que passarão sob ela". Eis aqui uma questão que nos leva direto ao conceito do estatismo e ao tamanho do Estado.

Para os que defendem que o Estado seja um gigante, atuando em todas as áreas e, por isso mesmo, consumindo grandes porções de impostos e exaurindo ao máximo a força de trabalho de seus cidadãos, o indivíduo é sempre visto como um detalhe, descartável quando não for mais conveniente sua presença. A ilusão do Estado provedor, imaginado pelas ideologias totalitárias como o "pai da nação", tem levado a humanidade, em todo o tempo e lugar, às mais terríveis experiências.

Exemplos atuais de Estados poderosos e gigantes ainda são vistos em todo o planeta. China, Rússia, Coreia do Norte e outros são referências de Estados gigantes no sentido de ascendência sobre seus cidadãos. Investem fortunas em poderio armamentista e de controle da população. Recursos que sempre faltam lá na ponta, em forma de serviços públicos básicos. Faltam papel higiênico, grãos e antibióticos, mas não faltam recursos para armas de destruição em massa e para os serviços de controle interno e repressão.

Nesse ponto, é válida a comparação entre um Estado agigantado e os processos infecciosos da metástase de um tumor. Quanto mais cresce, mais adoece e leva a população junto. Os riscos trazidos pelos ideais do estatismo são sempre maiores do que seus benefícios. E é isso que é ocultado da população. O estatismo, filho bastardo de ideologias tanto de esquerda quanto de direita extremadas, é impulsionado tendo como premissa maior o fortalecimento exclusivo daqueles que estão diretamente ligados aos processos de gerenciamento da máquina do Estado.

Aos demais, as migalhas. Por isso, verifica-se, ad nauseam, que um Estado rico e poderoso é sempre aquele em que as elites no poder desfrutam de todos os privilégios materiais, restando à população o papel de mantenedora dessas benesses. Não por outra razão, o estatismo é defendido pelas elites políticas no topo da pirâmide social. As mesmas que não se acanham em recorrer ao uso de formicidas, sempre que o formigueiro se mostrar mais assanhado.

» A frase que foi pronunciada

"Quando muitos trabalham juntos por um objetivo, grandes coisas podem ser realizadas. Dizem que um filhote de leão foi morto por uma única colônia de formigas."
Sakya Pandita

Otimismo

» Entre 30 de dezembro e 1º de janeiro, o Partido dos Trabalhadores (PT) estima que 200 mil pessoas chegarão a Brasília. Se assim for, o setor hoteleiro estaria com 95% da capacidade tomada. Em 2003, foram 70 mil pessoas.

Bons tempos

» O deputado Izalci Lucas traz na memória um fato bastante curioso. Nos anos 1970, segundo o parlamentar, todos os jovens queriam casar com uma professora. O salário era muito bom na época. Equiparado ao salário do magistrado.

Caso de sucesso

» Ioni Pereira Coelho, Thaise Souza de Carvalho e Sara Cristina Damásio, professoras do Centro de Ensino Fundamental 308 de Santa Maria, juntamente com a vice-diretora professora Marineide Martins, enaltecidas pelo Projeto Empreendedorismo, que colocou a escola como finalista do Prêmio Ibero-Americano de Educação. O Projeto Culinária, feito com sobras de alimentos, incentiva o empreendedorismo e resgata o prazer do estudante estar na escola.

Novidade

» O projeto de proteção às mulheres, iniciado pela então senadora Ana Amélia, foi atualizado pelo deputado Capitão Derrite. Trata-se de impor o uso de tornozeleiras eletrônicas também por quem está no regime aberto, em livramento condicional, ou por quem cumpre medidas cautelares. Mulheres do Brasil que vivem o pavor da agressão e morte, agora sabem que esses homens violentos poderão ser detectados caso tentem burlar as medidas restritivas.

» História de Brasília

Na primeira viagem, o sr. Jânio Quadros para fazê-la, vendeu um terreno. Depois, fez outra viagem. Foi convidado especial. Na terceira, mandou hipotecar a casa. E na próxima? (**Publicada em 13/3/1962***)*